

FEV 2026

INSIGHTS

A dependência europeia em terras raras e o poder da China

ELABORADO POR
Gracia Abad Quintanal

TRADUZIDO POR
Filipe Prado Macedo da Silva





A dependência europeia em terras raras e o poder da China¹

Gracia Abad Quintanal*

Nos últimos anos, os elementos de terras raras tornaram-se o centro de uma renovada competição entre as principais potências globais. Esses materiais são essenciais para a fabricação de uma ampla gama de produtos, que vai de armamentos e equipamentos médicos a hardware de inteligência artificial e veículos.

Nesse novo cenário, os EUA e a Europa encontram-se em desvantagem, uma vez que a China controla cerca de 90% do comércio global de terras raras. Essa posição dominante resulta, em grande medida, de uma estratégia de longo prazo; ao longo de décadas, o país promoveu de forma contínua, e em grande parte discreta, a extração, o processamento e o refino desses minerais estratégicos.

Já na década de 1950, a China iniciou a exploração do depósito de Bayan Obo, na Mongólia Interior, atualmente a maior mina de terras raras do mundo. Nos anos 1990, o país ampliou significativamente seus investimentos no setor, consolidando-se como líder global na produção e no refino desses materiais. Hoje, a China extrai terras raras tanto em seu próprio território quanto no exterior, especialmente na África, embora a maior parte do refino ainda seja realizada em solo chinês.

Isso significa que, quando o avanço contínuo das energias renováveis e dos sistemas de inteligência artificial de alta potência impulsionou o aumento da demanda por terras raras, a China já possuía uma ampla e consolidada rede de extração e refino desses materiais.

No outro extremo, a Europa encontra-se atrás dos EUA e da China na produção das terras raras. Ainda assim, depende fortemente desses materiais críticos para a fabricação de bens de alta tecnologia, como produtos farmacêuticos e veículos elétricos, e importa uma parcela muito elevada desses insumos da China, variando entre 40% e 100%, conforme o tipo de elemento e a origem das matérias-primas.

Tarifas e interferência estatal

Ao longo do último ano, a guerra tarifária tripartite desencadeada pelo governo Trump – envolvendo EUA, União Europeia (EU) e China – evidenciou a vulnerabilidade estratégica da UE, que depende urgentemente da manutenção do fornecimento de terras raras a preços razoáveis. A China, por sua vez, está inteiramente ciente de sua vantagem econômica, geopolítica e estratégica, e está determinada a preservá-la.

Pequim tem se mostrado disposta a adotar medidas extremas para proteger sua posição monopolista. Em abril de 2025, o país impôs restrições severas às exportações desses materiais, tema que dominou grande parte da agenda da cúpula UE-China em julho de 2025, quando um acordo provisório foi alcançado para suspender as limitações.

Entretanto, no final de setembro de 2025, o governo neerlandês decidiu assumir o controle da Nexpria, empresa de propriedade chinesa sediada nos Países Baixos e especializada na produção de semicondutores para a indústria automotiva. A medida foi justificada por alegações de tentativa de violação da legislação de propriedade intelectual.

Posteriormente, em 9 de outubro de 2025, Pequim retaliou ao anunciar a retomada das restrições às exportações de terras raras e tecnologias associadas para a UE. Entre as medidas, passou a exigir licenças de exportação para todos os produtos contendo mais de



0,1% de terras raras de origem chinesa, além de [proibir exportações destinadas à produção de armamentos](#). As medidas ameaçavam impor uma enorme pressão sobre a indústria manufatureira europeia.

A tensão pode ter diminuído, ao menos temporariamente, após o governo neerlandês anunciar, em 19 de novembro de 2025, a [suspenção da apreensão da Nexperia](#) como um gesto de “boa vontade”.

Chantagem econômica

A gravidade das restrições chinesas foi tamanha que a UE chegou a considerar, durante a reunião do Conselho Europeu realizada em outubro de 2025, a ativação de seu [mecanismo “anticircunvenção”](#). Esse instrumento, criado no final de 2023, destina-se a responder a situações de [chantagem econômica por parte de países terceiros](#).

Embora ainda não tenha acionado formalmente esse mecanismo, a UE vem adotando duas linhas de ação complementares para melhorar sua posição em relação às terras raras e aos minerais críticos: [a negociação com a China](#) – atualmente seu principal fornecedor – e a diversificação das fontes de suprimento.

No que diz respeito às negociações, a pedido do Comissário Europeu para o Comércio, Maroš Šefčovič, a UE estabeleceu um [“canal especial”](#) de comunicação com a China para tentar assegurar o fornecimento desses insumos. Assim, autoridades europeias e chinesas podem cooperar para priorizar solicitações apresentadas por empresas da UE. A iniciativa tem apresentado resultados positivos, com mais da [metade de um total de 2.000 pedidos aprovados](#) em poucos dias após o anúncio da medida.

Além disso, no início de novembro de 2025, a UE finalmente aderiu ao acordo previamente alcançado pelos EUA e pela China, para que esta última pudesse [relaxar temporariamente \(por um ano\) as restrições de exportação mencionadas anteriormente](#).

Naquela época, a UE também estava considerando outras medidas, incluindo tarifas em espécie, para [obrigar a China a fornecer terras raras](#). Essas intenções podem ter facilitado o acordo.

Diversificar o fornecimento

Diante da clara disposição da China em alavancar seu domínio sobre as terras raras, a UE precisará assegurar o fornecimento desses materiais por meio de outras fontes. Com esse objetivo, a UE aprovou, em 2023, [um novo regulamento](#) voltado a garantir o abastecimento de matérias-primas críticas. Além disso, também anunciou o plano chamado RESourceEU, [explicitamente inspirado](#) no programa de diversificação energética REPowerEU, lançado após a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022.

Essa estratégia de diversificação baseia-se tanto na ampliação da [produção dentro da própria UE](#) quanto na ampliação das [importações provenientes de países terceiros](#) que não a China. Como a Europa atualmente não dispõe de minas de terras raras em operação, uma parcela significativa do suprimento deverá vir de [iniciativas de reciclagem](#) e recuperação de materiais.

Embora essa política de diversificação imponha desafios relevantes – especialmente em termos de custos econômicos, viabilidade industrial e impactos ambientais – trata-se de



uma disputa estratégica que a UE não pode se dar ao luxo de perder, se quiser ter alguma chance de alcançar uma posição favorável na ordem mundial.

¹Este artigo foi originalmente publicado, em inglês, no *The Conversation*. Tradução de Filipe Prado Macedo da Silva (Líder do “[Conexão Bruxelas | Grupo de Estudo sobre Europa e União Europeia](#)”).

* Professora Associada de Relações Internacionais na Universidad Nebrija (Espanha).